

Camu 5
39

5

FOLHETIM

CAMÕES, PORTUGAL E BRAZIL

CONFERENCIA PUBLICA

FEITA NO DIA 11 DE OUTUBRO DE 1883

Realção nobre da Imprensa Nacional, do Rio de Janeiro

POR

Jayme Victor

Senhor

Minhas senhoras:

Meus senhores:

Cabe-me a honra de fallar pela primeira vez diante de vós, ilustres do Brazil e membros distinctissimos da colonia portugueza.

E depois de agradecer a vossa magestade e a vossa alteza a subida honra que com a vossa presença vos dignaes dispensar-me, agradeço-vos, meus senhores, o alto e immerecido acolhimento que me tendes feito, e congratulo-me comigo mesmo por me achar entre vós todos, aqui, n'esta terra generosa, em que a natureza parece ter accumulado todas as suas forças e em que o homem robustecido pelo trabalho, n'esta luta homérica de todos os dias, parece por vezes vencel-a e supplantal-a, para arrancar ao suco das suas arvores, a corrente aurifera das suas aguas, aos jazigos dos seus mineraes, á feracidade do seu solo e á vastidão dos seus territorios, este elemento vivo do progresso, o ouro, o ouro abençoado, o oil metal

dos poetas rotos e apaixonados, esse ouro que prepara as civilizações e que estimula o trabalho e o pensamento porque recompensa o homem, que ao mesmo tempo abre o Canal de Suez e enriquece Fernando de Lesseps, que torna Victor Hugo millionario, ao passo que torna mais fecundo o seu genio e mais popular a sua obra, esse ouro que forma emfim estas enormes companhias e associações modernas, que ao mesmo tempo se engradem a si proprias e nos proporcionam a nós todos os prazeres de todas as commodidades da vida.

Eu folgo, senhores, que me escuteis n'este momento, porque, por mais que alongue a vista, não descubro espaço na terra, em que o trabalho, o Deus da civilização moderna, tenha um apostolado tão fervoroso e uma consagração tão ampla como n'este exortie Brazil, em que a população cresce todos os dias, em que o solo revela, hora a hora, como n'um scenario magnificante, thesouros inexgotaveis em que estão representadas, n'um grupo admiravel de trabalhos, as forças vivas das mais poderosas nações da Europa, da França, da Italia, da Inglaterra, da Allemanha, de Portugal, e sobretudo de Portugal, meus senhores, d'este irmão mais velho e decerto o mais querido de todos, d'este Portugal magnanimo, que, com o mesmo entusiasmo com que ha quatro seculos dizia á civilização pela voz de Alvares Cabral: «Ahi está o Brazil, descobriu-o eu»; com o mesmo orgulho paterno, trezentos annos depois, e sem que uma gota de sangue manchasse o

horisonte, dizia ao Brazil: «Libertaste-te pelo trabalho, sê independente e livre como eu sou.»

Não assignala a historia exemplo de serviço mais util, de abnegação mais extraordinaria e de confraternidade maior entre dois povos amigos que abraçados pelo trabalho têm vindo pelos seculos fóra, sem que possa precisar-se qual d'elles tem sido mais util e mais generoso, se Portugal, dando ao Brazil a força do seu braço e a luz do seu cerebro, se o Brazil dando a Portugal os productos da sua natureza e as superfluidades da sua opulencia.

E se eu fallo n'esta reciprocidade de serviços, se digo que Portugal tambem repartiu com o Brazil a luz do seu cerebro, é porque ainda vejo, em mente, esses portuguezes honrados que puzeram intelligencia e coração ao serviço d'este bello paiz, sem nunca renegarem a sua patria, e até reforçaram de trabalho e de affecto no momento em que o Brazil realisava a sua independencia gloriosa; é que, não ha muitos dias ainda, quiz o acaso que diante de mim passasse o cadaver venerando de um d'esses filhos de Portugal, benemeritos do Brazil, um d'esses que, se entre os seus companheiros da Independencia, foi o ultimo na ordem do tempo, foi o primeiro na da abnegação, da honra e do trabalho. E tão consubstanciadas se acham as duas nações e tão alto paira o espirito que as irmana e fraternisa, que eu vi portuguezes e brasileiros dobrarem commovidos a fronte e curvarem o joelho, quando atravessava fúnebremente as

ruas d'esta cidade o cadaver venerando do visconde de Abaeté.

E' que estes homens, se pelo sangue eram de Portugal eram do Brazil pelo affecto, como eram da humanidade pela intelligencia. Fóra porém no Brazil, no seio d'esta natureza ardente e virgem, que se lhes retemperara a mocidade e a intelligencia se lhes desdobrara. E foi certamente no habito de alongar a vista por estes horisontes sem fim, foi de certo, n'esta contemplação artistica da immensidade, que se lhes formou o espirito, limpo de preconceitos, como limpos de nuvens eram estes espaços azules.

Homens do seu tempo, comprehendêram-n'o. Comprehenderam a necessidade de lutar, não por um interesse mesquinho, que muitas vezes se tem absurdamente chamado patriotismo, mas pela humanidade, porque honrando-a se honravam a si e nobilitavam o paiz em que fructificasse a sua intelligencia.

Comprehenderam que a palavra fronteiras é uma palavra quasi intelligivel. Pode estabelecer-se a diplomacia para os interesses da politica, uma especie de fronteiras convencionaes e rhetoricas, que a arte põem desconhece, que a sciencia rejeita, que a industria repelle, que o commercio destrói, e que este poder supremo e expansivo do espirito moderno rasga e liberta. Hoje, os que não são completamente livres pelo dominio de velhas tradições barbaras, sel-o-hão amanhã. E eu folgo de ver, meus senhores, e de vol-o dizer de passagem, que é este o momento historico em que o

Brazil parece mais empenhar-se em apagar a unica noção que tem manchado a sua bandeira gloriosa.

Esses homens comprehendem que hoje a lucta não pode ser senão a da intelligencia, d'esta bella intelligencia moderna, vibrante como a nevrose que a excita, expansiva, aberta a todas as crenças e a todos os enthusiasmos e ao mesmo tempo tão praticamente orientada, que nos reúne hoje aqui, nos todos que pelo trabalho temos um nome, ao chefe illustre d'este imperio, a sua magestade o sr. D. Pedro II, que pela sua intelligencia tão demonstrada, pela sua proverbial affeição a todas as manifestações do espirito, sejam artes, sciencias ou letras, também tem creado um nome grande, tão sympathico na Europa como na America.

Eis a lucta de que vos fallo; a d'esta intelligencia moderna, que tem por theatro de batalha; não um campo de carnificina, onde victimas, espadando sangue, revelem os atrazos de uma civilização e os horrores de uma barbarie, mas um theatro mais vasto, mais formoso, mais oxygenado: chama-se a tribuna, chama-se a imprensa, é o livro, é a escola, é a sciencia, é a arte, é todo o campo illimitado do espirito, não tem barreiras, como não tem patria, hoje ergue-se aqui, amanhã levanta-se ali, e ainda não ha muito, meus senhores, ha tres annos apenas, se desdobrou elle em todo o seu esplendor, aqui, n'esta bella cidade, como se erguia a mesma hora em Lisboa, com esplendor igual, porque lá e aqui, vibrava-nos ao mesmo

tempo a mesma electricidade, a electricidade do enthusiasmo, que reunia portuguezes e brasileiros na festa mais commovente e magestosa que tẽem visto as civilisações, na festa que era nossa, porque o homem cuja apotheose celebravamos, se pelo genio pertencia á humanidade, pelo sangue, pela ternura, pelo *peito illustre lusitano* e ainda pelo sofrimento só a nós pertencia, porque esse homem se chamava Camões e porque elle ao mesmo tempo era tão grande que parecia pequena a terra para contel-o, e tão bom, e tão nosso quo quanto mais alto pairava, mais descia para nós, para a *dilosa patria sua amada* o olhar benéfico e doce, cuja luz rompe todas as nebridões do passado e todas as adverbidades do presente.

Todos, portuguezes e brasileiros, nos unimos no mesmo enthusiasmo, na glorificação

do poeta divino que tão prodigiosamente fechára com chavo de ouro o prodigioso seculo XV, do artista supremo que levantára a mais forte columna para o edificio da renascença occidental, do poeta que com o seu livro fundára uma patria, como o Christo com a sua palavra fundára uma religião, do poderoso artista que arranca a espiritos como Humboldt, Quinet, madame de Stael, palavras do mais entranhado assombro, do poeta que eu tambem procurei enlaçar na minha admiração artistica por estes pobres versos:

(Diz versos proprios allusivos a Camões).

Do poeta, emfim, ao qual n'outros versos tambem humilides, e de que apenas vocito os ultimos para vos não fatigar mais, eu procurei resumir a gratidão que lhe devia a mocidade de hoje.

(Diz varias estrophas sobre Camões, e termina):

.....

Por isso quando nós, que vivemos agora,
Sentimos que uma noite escura nos invade,
Vamos pedir clarões á tua immensa aurora
E á tua antiga voz pedir-lhe mocidade.

E quando nos assalta a morbida tristezã
Que faz de nós pigmeus, stamos-te montezã,
E logo o olhar se afoga e o espirito se banha
N'este mar infinito—a luz da natureza.

Foi n'esto oceano de luz que se retemperou o espirito popular para subir á comprehensão do seu dever augusto no dia 10 de junho de 1880. E por esta corrente magnetica que se desenvolve prodigiosamente sempre que se realisa uma grande acção humana, e que aravez de todas as distancias

faz saltar de todos os espiritos, no mesmo momento, o mesmo enthusiasmo, quer esse grande feio humano se chame o Evangelho christão, que entra á mesma hora em todas as consciencias, quer se chame 89, o Evangelho social, que emancipa a Europa, que echôa em Hespanha em 1812

e em Portugal em 1820, intervallos que não são mais que um minuto na eternidade do tempo, no dia 10 de junho, rebentou de todos os espiritos a faísca do mesmo enthusiasmo, e bastou que a civilização da velha Europa, curvada diante de Camões, gritasse de lá; A'lerta, para que a juvenil America respondesse logo: Cá estou. E quem respondeu? Foi o Brazil. E não podia ser senão o Brazil, porque n'este acampamento da intelligencia que se desdobrou até aqui, as sentinellas não podiam ser senão portuguezas. E residentes ou nascidos cá, portuguezes e'ramos todos no mesmo reconhecimento, porque a herança do genio do poeta fôra em quinhões iguaes por todos repartida.

Foi por isso que todos participaram em presenças mais altas e nobres: sem ao grande portuguez, contribuindo aqui especialmente para a magestade da festa commemorativa os representantes do commercio, d'este commercio respeitavel que acaba de revelar em Amsterdam, na admiravel exposição dos seus cafes, todo o poder da sua força e toda a força d'este solo uberrimo.

Nem um só deixou de se incorporar no cortejo civico que se desenrolou pelas ruas e praças d'esta cidade, d'esta bella e laboriosa cidade, capital de um paiz tão privilegiado, que tem para cantar-lhe as bellezas eternas a musa de Castro Alves e de Gonçalves Dias, que tem o pincel de Pedro Americo e de Victor Meyrelles, para perpetuar na tela os feitos dos seus heroes, que tem a espada de Osorio e de Caxias, para vingar no cam-

po de batalha a nacionalidade ultrajada, que tem o einzel de Almeida Reis, para arrancar ao marmore as mais formosas estatuas, que tem, para garantir-lhe a politica intelligente e humanitaria, o nome respeitavel do visconde do Rio Branco, que tem a prosa de Alencar e de Machado de Assis, para caracterisar uma litteratura, que tem a belleza das suas mulheres para poetisar a vida nos arroubamentos do amor, e que tem, enfim, o estro musical de Carlos Gomes, para espalhar pela Europa, atravez do Guarany, as harmonias selvagens da natureza americana!

E agora, meus senhores, agora que eu tenho contemplado esta opulencia de vegetação, esta embriaguez de paisagem, todo o esplendor d'esta natureza privilegiada, penso que toda ella devia ter colaborado na magestosa festa; penso que estas arvores, que sobem pelas encostas e formam um tão admiravel fundo de scena, deviam ter-se desenhado em verduras, como que para espalharem o symbolo da esperanca por tantos corações que batiam ante um passado glorioso; penso que na hora augusta da apoteose deviam ter vindo pensar sobre as imminencias d'estes morros que cercam a cidade, como sentinellas da natureza, todas as aves do espaço, para, na sua musica arrebatada, irem transmitir os effluvios dos vossos corações ao poeta glorioso e como ellas embriagado de azul, e affigura-se-me ate, meus senhores, que esta formosa bahia do Guanabara, bella na serenidade olympica das suas aguas, sul-

cada n'este dia, de flotilhas
embandeiradas, devia trazer-
vos ao espirito a idéa conso-
ladora de uma epocha, pacifi-
ca como ella, tambem sulcada
gloriosamente, mas pela arte,
pela sciencia, pela industria,
a epocha da civilisação, pre-
vista e cantada pelo poeta, a
epocha actual, que assim co-
mo estas aguas mansas, con-
finam como mares revoltos e
embravecidos, tambem ella
confina entre nós com as guer-
fas da invasão franceza e com
as lutas intestinas de 33 e 34,
e entre vós, com as batalhas
sangrentas, pelo seu glorio-
sas, de Ivally, de Humaytá e
de Riachuelo.

• • •
Meus sahóres!

Foi grande, foi enorme a
nossa manifestação de reco-
nhecimento á memoria de Ca-
mões. Mas não foi a ultima. O
espirito que não faz actos bons
para dormir sobre elles, pen-
sa sempre em novas e fecun-
das applicações da sua activi-
dade. Existe alguma fórma de
perpetuar, n'um monumento
que fique, a gratidão de por-
tuguezes e brazileiros pela he-
rança dos Lusíadas? Existe.
Está felizmente resolvido o
problema e não posso dizer-
vos o prazer com que se lhe
achou a solução. O livro dos
Lusíadas tem 1:110 oitavas.
Está bem. Os nomes mais il-
lustres nos dois paizes, illus-
tres nas sciencias, nas artes,
no exercito, na marinha, no
commercio, na industria, fi-
carão perpetuamente ligados
ao nome de Camões, porque
cada um firmará uma estan-
cia, copiada pelo proprio pu.

nho, e integralmente reprod
duzida para um livro de luxo,
realçado ainda pela collabora-
ção artistica dos grandes pin-
tores de Portugal e do Brazil.
No notavel prologo com que
enriqueceu esta obra, melhor
do que eu vos diz Pinheiro
Chagas, nome que é uma lit-
teratura, e litteratura que
honra um paiz, qual é o seu
valor moral; e por isso eu pe-
ço licença para vos ler alguns
trechos d'esse magnifico tra-
balho.

(Lê varios trechos do pro-
logo.)

Depois d'esta voz eloquente
tem de se calar a minha. An-
tes porém de terminar, vou
dirigir-me á illustre colonia
portugueza.

Não obstante, meus senho-
ras, ter havido alguém que se
não pejou de insultar os vos-
sos brios n'um parlamento
portuguez, provocando garga-
lhadas inconscientes, e esque-
cendo que não houve ainda
catastrophe nacional ou em-
prehendimento audaz, que nós
não estendessemos os braços,
atravez do Atlantico, para esta
respeitavel colonia, que nun-
ca deixou de escutar-nos, a
resposta energica dada imme-
ditamente d'aqui ao gracejo,
não sei se torpe se leviano,
encheu-me de prazer, ao mes-
mo tempo que me animou a
vir a estas paragens, e me
confirmou na certeza de que
os portuguezes de lá nunca
appellaram em vão para os
portuguezes de cá e para os
seus irmãos brazileiros, quan-
do se trata de uma obra nac-
cional ou se pede auxilio
para o trabalho honrado.

Tenho dito.

J. de mat. n.º 6.502

Publicamos hoje em folhetim, quasi todo reproduzido dos jornaes do Rio de Janeiro, a conferencia publica que o nosso collega Jayme Victor fez ha pouco tempo n' aquella cidade com a assistencia do imperador, de sua alteza o conde de Eu, do ministro e consul de Portugal, de muitas senhoras, de um auditorio emfim de mil pessoas aproximadamente.

O orador foi frequentemente interrompido, com applausos, e no fim do discurso chamado duas vezes a tribuna.

Jornal de Noticias, n.º 6.502
de 2-3-84.

(O folhetim a' que se referem
posto nas folhas
anteriores.)

Handwritten text, possibly a date or reference number, including the sequence "1-2-3-4".

Handwritten text, possibly a signature or name, appearing in a cursive script.